

CAPA

Corpos Informáticos

103

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA



Corpos Informáticos, 2012, enceradeiras em frente ao Museu de Arte Moderna de Salvador; foto Arthur Scovino.



Corpos Informáticos. “Encerando a Chuva”. Festival Performance Arte Brasil. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro fotos: Camila Goulart.

Bia Medeiros [Maria Beatriz de Medeiros]. Artista e pesquisadora. Coordenada o grupo de pesquisa Corpos Informáticos. Doutora em Arte e Ciências da Arte- Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne). Docente da Universidade de Brasília. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos desde 1992. Pesquisadora do CNPq (2008-2011 e 2011-2015).

R&M: Corpo, o urbano e o ordinário são elementos de Fuleragem. Gestos, palavras e desejos são apresentados em espaço distintos. Museus, galerias, ruas, praias, auditórios, o Congresso Nacional etc. são ativados e “re-inventados” pelas enceradeiras. Fuleragem parece desmistificar os espaços convencionais voltados para a arte, ao mesmo tempo em que transforma todos esses espaços em espaços da arte?

Bia Medeiros: Exato. A fuleragem (naturalmente com minúsculo) quer se instalar em todos os cantos, recantos, meandros. Sub-repticiamente, surpreende o transeunte tornando-o errante. A fuleragem compõe com a cidade, com a web, com a rua, com o outro. E, como diz Spinoza, compõe e decompõe necessariamente. Poder-se-ia dizer, ainda, que a fuleragem simplesmente põe, põe em jogo, joga. Ou, dito diferentemente, a fuleragem mente, engana e trai. A performance se instala nas galerias, no MOMA, no PSI, ambos em Nova Iorque. O que faz a fuleragem? Pula corda, desenha amarelinhas binárias impossíveis, enterra kombis com fálidas árvores penetrando seus interiores, encera a chuva, o encenador, encerra a dor e o senador usado. A nossa praia, e a de muitos artistas com os quais fuleramos – Coletivo Osso (BA), Grupo Empreza (GO), Opavivará (RJ), Filé de Peixe (RJ), Coletivo ES3 (RN), Larissa Ferreira (BA), Maicyra Leão (SE), Maria Eugênia Matricardi (DF), Shima (MG), Victor de La Rocque (PA), Yuri Firmeza (CE) – é onde estivermos.

R&M: Corpos Informáticos é um projeto longo num país onde os coletivos tem vida curta. A movência, a itinerância e a autocrítica são noções próprias do Corpos, essa é a chave para o projeto ter chegado a 20 anos e ainda suscitar tantas provocações?

Bia Medeiros: Corpos Informáticos não possui uma estratégia limitada, delimitada. Esta forma de ação, que eu não chamaria de estratégia, se constrói no processo e no coletivo. Corpos Informáticos professa a fuleragem, mas também escreve livros, se sustenta (será que ele se sustenta, o se SUS-tenta?), consegue financiamento. Assim sobrevivemos: CAPES, CNPQ, FAC-DF FUNARTE, Petrobras, mas também, muito, na raça: com a cara e a coragem mas sobretudo com o corpo. O grupo se sustenta, pois sabemos nos sustentar na corda bamba, sabemos pular corda, escorregar no Congresso Nacional, andar de jangada carregando o bundalê (www.copros.blogspot.com). Constituímos o grupo Corpos Informáticos na Universidade de Brasília com atores, performers, técnicos (técnicos em vídeo e em informática), e artistas plásticos. Por vezes contamos com o apoio de pesquisadores em música. O objetivo primeiro do grupo permanece interrogar as possíveis relações entre, por um lado, o corpo real, o corpo-carne, o corpo presença, isto é, o corpo da “linguagem” artística performance, aquele que atualiza o tempo real em uma arte perto do público, uma arte a não respeitar, a “tocar por favor”, do outro lado, a tecnologia (toda e qualquer). Isto, sem jamais abandonar a ocupação com a participação do público e os espaços ex-situ da arte.

Nós falamos em tecnologias e pensamos arte digital, arte comunicacional, o espaço da rede mundial de computadores (a web) e a cidade. Que espaço é realmente público? A rua, a praça, a web, minha casa, minha cama?

Sendo uma pesquisa pluri-disciplinar, interdisciplinar, ela só pode ocorrer no seio de um grupo onde a individualidade se torna dividualidade (capaz de divisão, de partilha e de pronóia – por oposição à paranóia). A singularidade se divide, compartilha, traz sua especificidade e aceita a promiscuidade: secreções e contaminações. Na proposta do grupo sempre há um grande interesse pelo conhecimento específico de cada um (teatro, artes plásticas, informática, vídeo, fotografia...), mas também há uma pesquisa em todas as áreas de conhecimento envolvidas por cada um dos membros do grupo.

Corpos Informáticos é hoje formado por Adauto Soares, Bia Medeiros, Camila Soato, Diego Azambuja, Fabrício Araújo, Fernando Aquino, Luara Learth, Maria Eugênia Matricardi, Marina Brites, Márcio H. Mota. Existe, ainda, o Corpos Expandidos: Larissa Ferreira, Luiz Ribeiro, Bianca Tinoco, Tiago Moira, Victor Valentim...

R&M: De modo tímido, recentemente alguns museus públicos brasileiros começaram a assimilar performances em seus acervos. Em sua opinião por que a arte da performance encontra tanta resistência do sistema memorial voltado às artes?

Bia Medeiros: A primeira resposta a esta pergunta é: - a performance não se vende. Mas... hoje, se vende, sim. Exatamente porque a performance foi, está sendo, sendo sendo, institucionalizada, comercializada que o Corpos Informáticos decidiu que não mais realizava performances. O que fazemos é fuleragem. Também não realizamos mais arte efêmera. Esta palavra foi sofisticada, enquadrada. Preferimos dizer que nosso trabalho é mixuruca.

R&M: A partir de sua experiência, quais as dificuldades de um artista contemporâneo em produzir intervenções/alterações em espaços museológicos convencionais ou alternativos. Há diferenças consistentes?

Bia Medeiros: Dependendo do espaço museológico contemporâneo esta pergunta não cabe. Poucas são as dificuldades de um artista contemporâneo em produzir intervenções/alterações em espaços museológicos convencionais ou alternativos quando estes realmente se interessam por arte contemporânea. Exemplo: Museu da República sob a direção de Wagner Barja.

R&M: O que o sistema expositivo autorizado e convencional pode assimilar e aprender com a performance em telepresença? Como reapresentá-la?

Bia Medeiros: Corpos Informáticos se interessou pela performance em telepresença entre 1999 e 2006. Deixamos de lado esta linguagem quando ela foi se tornando banal. Apresentamos performance em telepresença no Itaú Cultural em 2004, no Frankfurt Art (Feira de arte de Frankfurt) em 2005, na Bienal do Mercosul (curador Paulo Sérgio Duarte) em 2005 (www.corpos.org/telepresence2; www.corpos.org/teleperformance; vimeo.com/8729372). O sistema expositivo autorizado e convencional tem muito a aprender com a arte tecnológica. Nunca esqueço um co-curador da Bienal de São Paulo tentando me explicar porque ele não tinha arte tecnológica na Bienal: “a rede elétrica não sustentaria”. Pode? Tudo a aprender.